

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARCIA SILVEIRA CONTE

A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O ENSINO DA
MATEMÁTICA

Tramandaí
2023

MARCIA SILVEIRA CONTE

**A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O ENSINO DA
MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos
Coorientadora: Profa. Ma. Cátia Zilio

Polo: Serafina Corrêa

Tramandaí

2023

CIP – Catalogação na Publicação

CONTE, MARCIA SILVEIRA
A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a contação de histórias para o ensino da matemática. / MARCIA SILVEIRA CONTE. -- 2023.
46 f.
Orientadora: Suelen Assunção Santos.
Coorientadora: Cátia Zilio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Conceitos matemáticos . 2. Educação Infantil.
3. Literatura Infantil. I. Assunção Santos, Suelen, orient. II. Zilio, Cátia, coorient.

MARCIA SILVEIRA CONTE

**A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM ESTUDO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O ENSINO DA
MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Data de aprovação: 30 de janeiro de 2023

Banca examinadora

Profa. Dra. Suelen Assunção Santos - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Ma. Cátia Zilio - Coorientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Alice Stephanie Tapia Sartori
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Ma. Guiomar de Souza
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Dedico este trabalho aos meus dois amores, Claudio e Mateus, esposo e filho, que sempre me apoiaram e não me deixaram desistir.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado saúde e força para seguir em frente e me ajudar a chegar até o fim.

Aos meus pais, Renato e Vera que sempre me incentivaram a estudar e me mostraram o valor do estudo na vida de uma pessoa.

Ao meu esposo, Claudio, e meu filho, Mateus, pela paciência, carinho, apoio e dedicação.

Ao pastor Pedro e à missionária Noeli, por todas as orações e pelas palavras de incentivo e ânimo.

Aos meus irmãos Daniela, Tiago, Jean, Roberta, Joana e os sobrinhos Sofia, Ana Luiza, Arthur e Enzo, por sempre me apoiarem.

À minha colega Ester Eliane Rodrigues Sathes, por estar ao meu lado me ajudando ao longo do curso.

À minha orientadora Profa. Dra. Suelen Assunção Santos e a coorientadora Profa. Ma. Cátia Zilio por suas preciosas orientações, pela sabedoria, dedicação e paciência.

“O sonho é que leva a gente para a frente.
Se a gente for seguir a razão, fica
aquietado, acomodado”

Ariano Suassuna

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Educação Matemática na Educação Infantil e consiste em demonstrar como a contação de histórias pode ser potente para o ensino da matemática na Educação Infantil. Desse modo, o trabalho foi desenvolvido a partir de inquietações sobre como a matemática está no dia-a-dia das pessoas, mas elas não notam e muitas tem receio dela. Assim, busca-se evidenciar que é possível trabalhar conceitos matemáticos através da ludicidade e desmistificar o medo da matemática. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com cunho qualitativo. Para realizá-lo foi feita uma pesquisa no repositório digital LUME/UFRGS, onde foi efetuada uma revisão de literatura sobre trabalhos de conclusão de curso que tratavam da temática da contação de histórias na Educação Infantil, com foco para a Educação Matemática. Foi realizada uma revisão bibliográfica de autores que abordam a temática da contação de histórias na Educação Infantil e, em seguida, foram pesquisadas e catalogadas histórias da literatura infantil que contemplavam a Educação Matemática. Os livros escolhidos foram: 'Uma lagarta muito comilona' (2010), 'Quem vai ficar com o pêssego?' (2010), 'A Casa Sonolenta' (2011), 'Cachinhos de Ouro' (2013) e 'Monstromática' (2015). Ao realizar a análise, foi possível perceber o quanto é importante fazer a conexão da literatura infantil com os conceitos matemáticos, ao passo que o elo entre eles, torna-se um considerável e significativo modo para fortalecer os conhecimentos prévios das crianças, assim como ajudam na construção de novos saberes.

Palavras-chave: Conceitos matemáticos. Educação Infantil. Literatura Infantil.

ABSTRACT

The present work has as its theme Mathematics Education in Early Childhood Education and consists of demonstrating how storytelling can be powerful for teaching mathematics in Early Childhood Education. In this way, the work was developed from concerns about how mathematics is in people's daily lives, but they do not notice it and many are afraid of it. Thus, we seek to show that it is possible to work with mathematical concepts through playfulness and demystify the fear of mathematics. The methodology used was bibliographical research with a qualitative nature. To carry it out, a search was carried out in the LUME/UFRGS digital repository, where a literature review was carried out on course completion works that dealt with the theme of storytelling in Early Childhood Education, with a focus on Mathematics Education. A literature review of authors who address the theme of storytelling in Early Childhood Education was carried out, and then stories of children's literature that contemplated Mathematics Education were researched and cataloged. The chosen books were: 'A Very Hungry Caterpillar' (2010), 'Who Will Keep the Peach?' (2010), 'The Sleepy House' (2011), 'Goldilocks' (2013) and 'Monstematic' (2015). When carrying out the analysis, it was possible to perceive how important it is to make the connection between children's literature and mathematical concepts, while the link between them becomes a considerable and significant way to strengthen children's prior knowledge, as well as help in the construction of new knowledge.

Keywords: Mathematical concepts. Child education. Children's literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cidade do interior	13
Figura 2 – Organograma da metodologia.....	23
Quadro 1 – Trabalhos encontrados com o filtro “Contação de histórias”	24
Quadro 2 – Trabalhos encontrados com o filtro “Literatura e matemática”	29
Figura 3 – Reprodução da capa do livro ‘Uma lagarta muito comilona’	31
Figura 4 – Reprodução da página 16 do livro ‘Uma lagarta muito comilona’	32
Figura 5 – Reprodução da capa do livro ‘Quem vai ficar com o pêssego?’.....	33
Figura 6 – Reprodução da página 27 do livro ‘Quem vai ficar com o pêssego?’.....	34
Figura 7 – Reprodução da capa do livro ‘A casa sonolenta’	35
Figura 8 – Reprodução da página 18 do livro ‘A casa sonolenta’.....	36
Figura 9 – Reprodução da capa do Livro ‘Cachinhos de Ouro’	37
Figura 10 – Reprodução da página 11 do livro ‘Cachinhos de Ouro’	38
Figura 11 – Reprodução da capa do livro ‘Monstromática’	39
Figura 12 – Reprodução da página 12 do livro ‘Monstromática’.....	40
Quadro 3 – Conceitos matemáticos encontrados nos livros	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC - Ministério da Educação

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	18
2.2 SOBRE A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	19
3 METODOLOGIA	21
4 REVISÃO DE LITERATURA	24
5 ANÁLISE E RESULTADOS.....	31
6 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Para algumas pessoas, a matemática parece algo de outro mundo. Como acadêmica, me pergunto o porquê de isso acontecer: seria pela falta de uma base na infância que possibilitasse compreender e consolidar os conhecimentos matemáticos? Diante dessa inquietação, escolhi pesquisar a Educação Matemática, que, por gostar bastante, avalio ser uma matéria fácil, diferentemente do que a grande maioria das pessoas do país considera. Conforme a reportagem intitulada ‘Por que alguns gostam dos cálculos e outros odeiam?’, publicada no Blog Superprof, “Há várias pessoas que acreditam que a matemática é chata, que consiste somente em acumular exercícios dos livros sem nenhum outro interesse além de passar para o próximo capítulo para seguir o programa educacional.” (SUPERPROF, 2016, online). Como mostra a reportagem, os alunos reclamam, dizendo que a matemática é chata. Porém, me recordo que desde criança, quando comecei aprender a fazer contas, eu já gostava da matemática. “Os amantes dos incógnitas x e y declaram que eles nunca encontram uma dificuldade particular com a matemática e que eles gostam dela desde muito cedo.” (SUPERPROF, 2016, online).

Os números me fascinam: adoro fazer contas, mesmo quando não preciso; quando subo um lance de escada, eu vou contando quantos degraus tem, para somar com o próximo lance; vejo uma conta e fico pensando nela até saber o resultado. Quando estou conversando com minhas colegas e alguma precisa fazer uma conta, eu rapidamente digo a resposta – tanto que elas já estão acostumadas e, se uma diz que precisa fazer uma conta, a outra fala ‘pergunta para a Márcia’. Na escola, minhas notas sempre foram boas e, durante a infância, minhas amigas sempre me convidavam para ir ao mercado com elas, para que eu calculasse os itens da lista e saber se com o valor que tinham conseguiriam pagar. Quando chegávamos no caixa, eu já falava para a operadora o total da compra e o valor de troco.

Aprendi a fazer as contas de cabeça com o meu pai, que se chama Renato e cursou somente até o 5º ano do colegial, pois teve que abandonar os estudos para ajudar no sustento da casa, trabalhando de pedreiro com o meu avô. Meu pai é um homem simples, sem estudo formal, mas com muito conhecimento, pois sempre gostou de ler jornais e revistas e de fazer palavras cruzadas. Na hora do intervalo do serviço e quando chegava em casa à noite, ele ficava lendo ou nos ajudava a fazer os temas de casa. Eu ficava fascinada de vê-lo fazer as contas de cabeça e aprendi a

fazer os cálculos dessa maneira com ele. Ainda hoje, quando vou a Porto Alegre visitar os meus pais, eu e ele sempre brincamos com as nossas brincadeiras da infância: intercalamos perguntas matemáticas um ao outro, depois ele me pergunta a capital de tal país, e assim vai. Quando tem um jornal novo com cruzadinha nós “brigamos” para ver qual dos dois faz primeiro, então ele deixa eu fazer e me diz: ‘os mais difíceis, me pergunta que eu sei’. Algo que ele sempre me disse, “a cabeça não é só para usar chapéu e carregar piolho, ela serve para ser usada” – ou seja, para pensar – eu agora transmito para meu filho, Mateus, meu amor que está com 6 anos.

Em casa, eu e meu esposo decidimos que quem cuida das contas sou eu, pois, segundo ele, quem gosta de contas fica com elas. Dessa forma, o Mateus sempre me viu fazer as contas, colocar os gastos na planilha, seu pai me perguntar quanto que dá tal conta e, quando vamos passear em Porto Alegre, ele vê as minhas brincadeiras com seu avô. Quando tinha 3 anos e 8 meses, a professora do berçário relatou no parecer escolar dele que “Com questão a matemática faz citação dos números até 10, identificando os numerais em desenhos sempre sendo incentivado”. Eu continuei o incentivando em casa, perguntando os números, falando para ele contar até dez, depois até quinze. Comecei a notar que ele subia os lances das escadas contando os degraus e, quando ele se perdia, eu o ajudava. Fui começando a perguntar quanto dá $1+1$, mostrando o resultado nos dedos. Ano passado, ele começou a fazer contas de cabeça, eu digo para ele contar nos dedos, mas ele não quer, dizendo “eu sei fazer na minha cabeça” e dando o resultado correto.

Porém, percebo que muitas pessoas têm dificuldades com a matemática e, por esse motivo, acabam dizendo que não gostam, algumas têm medo e até fobia, sendo que a matemática é algo simples que está no nosso cotidiano.

Figura 1 – Cidade do interior



Conforme a charge acima, as pessoas veem e praticam a matemática diariamente, através do tempo, das formas geométricas, do espaço, das medidas, entre outras, mas muitas não conseguem perceber que a utilizam em seu cotidiano, como o pedreiro que consegue entender uma planta de uma construção ou a costureira que produz uma roupa. Algumas pessoas compreendem por matemática somente as equações que fazem na escola.

Há cinco anos, trabalho como monitora de educação em uma escola de Educação Infantil do município de Guaporé e, a partir dessa vivência profissional, percebi que a Educação Infantil é muito importante para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e motoras das crianças. Como monitora, realizo diferentes atividades com as crianças e uma delas é contar histórias. Constatei que as crianças adoram ouvi-las, elas ficam encantadas com os contos e começam a imitar os personagens das histórias. Assim, como futura pedagoga, resolvi pesquisar a Educação Matemática na Educação Infantil através da contação de histórias e da ludicidade dos contos para, então, desmistificar esse medo da matemática. Para Bondía (2002),

E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. (BONDÍA, 2002, p. 21, aspas do autor).

É na busca do sentido que eu comecei a cursar a pedagogia, pois eu quero ser melhor a cada dia e, para isso, fui em busca do conhecimento. Logo no começo da faculdade, me encantei com a disciplina de ‘Psicologia da Educação’, ministrada pela professora Andresa Silva da Costa Mutz, e com os ensinamentos dos seguintes pensadores: Piaget, sobre estágios do desenvolvimento das crianças; e Vygotsky, sobre a importância dos recursos culturais presentes no ambiente e a interação docente-educando. A disciplina ‘Infância, Imaginação e Ludicidade’, com a professora Dorcas Weber, me levou a compreender o quanto a arte, a imaginação e a ludicidade ficam aguçadas através das histórias que contamos. E por fim, é claro, nos módulos da disciplina ‘Escola, Conhecimento e Metodologias: Matemática’, ministrada pela professora Claudia Glavam Duarte, aprendemos a ensinar a matemática de um modo lúdico com jogos, etnomatemática, multiplicação japonesa, fizemos receita de bolo e outros. Essa trajetória me levou a pensar no presente trabalho, pois “A experiência é

o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca". (BONDÍA, 2002, p. 21).

Com estas inquietações, escolhi o meu tema de estudo, que intitula este trabalho: A Educação Matemática na Educação Infantil: um estudo sobre a contação de histórias para o ensino da matemática. Desse modo, o meu problema desenhou-se: de que modo a contação de histórias pode ser potente para o ensino da matemática na Educação Infantil? Neste sentido, como objetivo geral busquei analisar como a contação de histórias na Educação Infantil pode colaborar com a aprendizagem de conceitos matemáticos. Para chegar no objetivo geral, listei os seguintes objetivos específicos:

- Realizar uma revisão de literatura sobre trabalhos de conclusão de curso que tratem da temática da contação de histórias na Educação Infantil com foco para a Educação Matemática;
- Realizar uma revisão teórica de autores que abordam a temática da contação de histórias na Educação Infantil;
- Pesquisar e catalogar histórias da literatura infantil que contemplem a Educação Matemática;
- Relacionar as histórias constantes nos livros de literatura infantil com os conceitos matemáticos para a Educação Infantil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo, a ser utilizado como norteador para a educação, pois a partir dele são elaborados os currículos escolares e os planos de aula. Dentro da BNCC, há os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, sendo que um dos direitos da criança é o de explorar:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2018, p. 38).

Assim, a BNCC assegura o direito que as crianças têm de explorar as histórias. Ao realizar uma contação de história, o professor traz para as crianças inúmeras possibilidades, nas quais elas podem, através da imaginação, viajar ao redor do mundo, se transformar em princesas/príncipes, heróis ou qualquer outro personagem que quiserem ser, além de proporcionar para elas novas palavras, de maneira que ampliem o seu vocabulário. É o que nos mostra a BNCC no campo de experiência:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BRASIL, 2018, p. 42).

Além da BNCC, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, acrescenta que:

Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. (BRASIL, 1998, p. 23).

Dessa forma, podemos refletir como as histórias e o ato de incluir a contação no planejamento e aplicá-la no cotidiano escolar torna a aula riquíssima para os alunos e para o professor também. Ainda neste raciocínio, Vygotsky (2009, p. 25) diz que

[...] a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.

Vygotsky (2009) acrescenta que, quando uma criança escuta uma história que não vivenciou, ela pode por meio da sua imaginação ampliar a sua experiência, demonstrando assim a importância da contação de história. Nessa linha de pensamento, Abramovich (2009, p. 16) afirma que “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”. Segundo a autora, ao se tornar leitor, o estudante abre um leque de possibilidades, pois ele consegue descobrir o mundo, conhecer outros países, novas culturas, percorrer caminhos nunca antes visto. Dessa forma, ao ouvir histórias, as crianças desenvolvem a sua imaginação e criticidade, conseguindo refletir sobre o que acontece ao seu redor e achar as soluções necessárias para os problemas. Ao ouvir histórias elas conseguem aprender e entender matemática de uma maneira lúdica. (ABRAMOVICH, 2009).

Seguindo esta linha de pensamento, segundo Smole (2014, p. 68) é:

[...] importante aproximar o ensino da matemática e o ensino da língua materna, percebemos que o trabalho com a matemática escolar seria enriquecido se pudesse ser feita uma conexão com a literatura infantil, isto é, acreditamos que a literatura poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático.

Assim, há inúmeras possibilidades de aprendizagem através da contação de histórias e cabe ao professor selecionar o livro que conduzirá a aula para o objetivo proposto: “É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados [...]” (ABRAMOVICH, 2009, p. 16). Através das histórias, há um vasto repertório de problemas ou soluções vividos por personagens, nos quais pode se encaixar qualquer pessoa, bastando, para isso, usar a imaginação.

2.1 SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

A humanidade convive com a contação de histórias há milênios e é possível comprovar essa afirmação através da arqueologia. Os arqueólogos estão sempre em busca de artefatos que possam nos descrever como foi o passado e, com base no que encontram, como desenhos em cavernas, pergaminhos e objetos; eles nos contam como foi a história. Para a humanidade, o contar histórias pertence ao nosso cotidiano. Contamos histórias que vivemos, contamos piadas, falamos como foi o nosso dia, sempre temos algo a contar. Mas o que é contar história? Abramovich (2009, p. 18) afirma que “Contar história é uma arte [...] É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz”. Para a autora, a contação de história é a habilidade em que se utiliza a harmonia na voz para conciliar o que se ouve e sente, permitindo a interação entre o contador e os ouvintes. Souza e Motoyama (2019, p. 33) consideram que “O (re)contar, que também chamamos de contação de histórias nos meios pedagógicos, encanta as crianças, pois faz parte da oralidade que é algo nato ao desenvolvimento humano.” Assim, as crianças se entretêm e apreciam ouvir histórias, pois a oralidade é algo natural, que faz parte do seu cotidiano. Para Celso Sisto,

Ser ouvinte de uma história é assumir uma condição especial. Especial se considerarmos que este é também um momento de revelação. E o que ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações. O ouvinte quer se encantar, quer esquecer-se temporariamente de tudo e penetrar em um território que, a despeito do nome que se dê: fantasia, imaginário, etc. (SISTO, 2004, p.1).

Ao contar uma história, o contador leva o ouvinte para um mundo de magia, no qual, através da imaginação, ele se torna o que preferir, herói, vilão, astronauta. Viaja para terras desconhecidas, pelo espaço, enfim, ele vai aonde a fantasia o levar. Sisto ressalta que:

O convívio com as histórias estimula a imaginação, a criação, encontrar a solução para as coisas da nossa vida, do mundo, afinal de contas, uma narrativa se organiza através do conflito e o conflito se dá por meio do embate das pessoas, dos desejos delas. (SISTO, 2022, online).

Seguindo o raciocínio do autor, ao conviver com histórias a criança terá um terreno fértil onde a imaginação e a criação se unem nas resoluções dos problemas. Corroborando com essa ideia, Souza e Motoyama dizem: “O ato de contar histórias para os pequenos possibilita o despertar da imaginação e criatividade, o que proporciona o envolvimento das crianças com a trama proposta, além de oportunizar a vivência da personagem” (SOUZA; MOTOYAMA, 2019, p. 36). As autoras demonstram como a contação pode ser benéfica para a aprendizagem das crianças, pois ao fantasiar elas podem ser a personagem e sentir suas emoções. Souza e Motoyama completam: “[...] as histórias trabalham com aspectos globais dos sujeitos: informam, aquietam, promovem respostas pessoais, auxiliam na formação da linguagem culta, tanto oral como escrita, e ampliam o vocabulário”. (2019, p. 36). Assim, a contação de história engloba diversos aspectos cognitivos, proporcionando um favorecimento na aprendizagem.

2.2 SOBRE A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

O que é a educação matemática? Santos (2017, p. 57) diz que “[...] podemos perceber que a Educação Matemática se faz no entrecruzamento de várias áreas, porque carrega preocupações curriculares, sociológicas, epistemológicas, filosóficas, cognitivas, de linguagem etc.”. Para a autora, a Educação Matemática acontece ao englobar e se articular com os demais campos de ensino. Seguindo a linha de raciocínio da autora, a matemática pode ser trabalhada concomitantemente com outras disciplinas. Concordando com essa ideia, Smole (2014, p. 68) ressalta que:

[...] a história contribui para que os alunos aprendam e façam matemática, assim como exploram lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto os alunos leem, escrevem e conversam sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É nesse contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Para Smole, pode ser utilizada a literatura infantil para ensinar matemática na Educação Infantil. Dessa forma, ao se utilizar a contação de histórias vinculada com ensino matemático, se obtêm resultados positivos sobre essa união. Lorenzato (2006, p. 9) corrobora:

Se desejamos que as crianças construam significados, é imprescindível que, em sala de aula, o professor lhe possibilite muitas distintas situações e experiências que devem pertencer ao mundo de vivência de quem vai construir sua própria aprendizagem; e mais, tais situações devem ser retomadas ou representadas em diferentes momentos, em circunstâncias diversas; enfim, as crianças devem reproduzir (escrevendo, falando, desenhando etc.) aquilo que aprenderam.

Assim, através do lúdico das histórias, surgem novas ideias, novas conexões, abrindo o caminho para novas experiências, investigações e resoluções de problemas matemáticos. Smole (2014, p. 74) afirma que

Essa conexão da Matemática com a Literatura Infantil propicia um momento para aprender novos conceitos ou utilizar os já aprendidos. Mais que isso, apresenta um contexto que, por trazer uma multiplicidade de significações, evidencia a leitura e o conhecimento de mundo de cada leitor, suas experiências, suas perspectivas, suas preferências pessoais e sua capacidade de articular informações presentes no texto, com outras não presentes.

Conforme a autora, trabalhando a conexão entre as duas, há a possibilidade de a criança ter maior interação com os conceitos matemáticos. Segundo Lorenzato, “É necessário, cada vez mais, diminuir a distância entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, tanto em relação aos processos quanto em relação aos conhecimentos e técnicas”. (LORENZATO, 2006, p. 20). Assim, trabalhar conceitos matemáticos através da literatura infantil reduzirá o caminho entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, da mesma forma que ao utilizar a literatura nas aulas de matemática irá reforçar a aprendizagem adquirida.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa bibliográfica. Mas o que é pesquisa? Segundo Gil (2008, p. 26). pesquisa é definida como; “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Desse modo, toda pesquisa parte de um questionamento, a partir de uma situação-problema.

Como é a pesquisa qualitativa? Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31), “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Para as autoras a pesquisa qualitativa é aquela em que o pesquisador procura explicar o porquê dos acontecimentos.

Este trabalho foi realizado, sem interlocutores, com base em artigos científicos e livros, conferindo uma pesquisa bibliográfica. Gil (2008, p. 50) elabora sobre esse tema:

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

Para analisar como a contação de história pode colaborar com a aprendizagem matemática, o caminho a trilhar foi a seleção de livros de literatura infantil, a partir dos passos a seguir.

1º passo: Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura para identificar produções científicas relacionadas ao problema de pesquisa. Assim, foi feito um filtro no repositório LUME da UFRGS com o título “Contação de histórias”, tendo como resultado 18 trabalhos de conclusão de curso, sendo 17 de Graduação e um de Especialização. Dois deles contemplavam Educação Infantil e Anos Iniciais, sendo assim, escolhi mais dois que eram de Pedagogia, sendo sobre histórias contadas para netos e filhos.

2º passo: Foi criado um novo filtro no repositório LUME da UFRGS com o título “Literatura e matemática” e, com ele, encontrei mais dois trabalhos de conclusão de Graduação, sendo um título relacionado ao meu tema.

3º passo: Para chegar nos autores que abordam a temática da contação de histórias na Educação Infantil, entrei em contato com o perfil no Instagram do projeto “Ler: Clube de Leitura da UFRGS”, solicitando a indicação dos autores que tratam da contação de história na Educação Infantil e no Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Foram indicados Renata Junqueira de Souza e Celso Sisto.

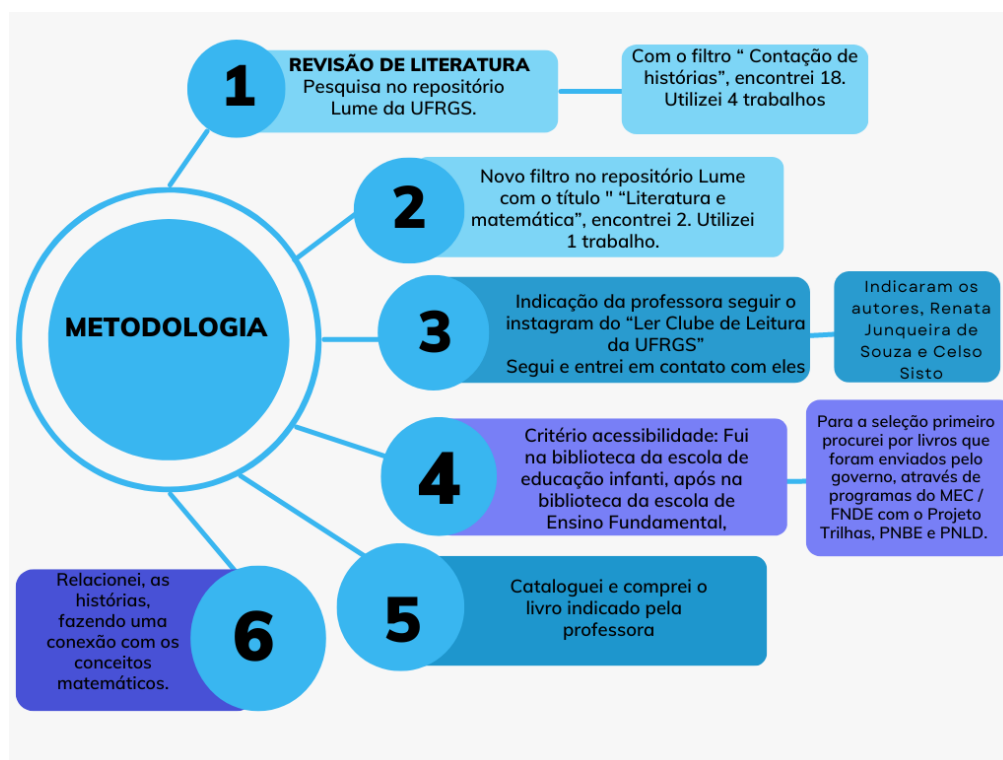
4º passo: Pesquisa de histórias da literatura infantil que contemplem a Educação Matemática. Nessa etapa, utilizei o critério de acessibilidade dos livros e, para esse propósito, fui à biblioteca de uma escola de Educação Infantil e à biblioteca de Ensino Fundamental. Na busca, primeiramente procurei por livros que foram enviados pelo governo, através de programas do MEC / FNDE com o Projeto Trilhas, PNBE e PNLD. Nessa busca, encontrei três livros. Este critério de seleção é relevante para o futuro da presente pesquisa pois, caso professores e outros pesquisadores se interessem pelo tema, o acesso aos livros seja facilitado, uma vez que estes programas enviam livros gratuitamente para as bibliotecas das escolas da rede pública.

5º passo: Cataloguei os livros: ‘Quem vai ficar com o pêssego?’ (2010), ‘A Casa Sonolenta’ (2011), ‘Cachinhos de Ouro’ (2013) – estes três livros foram os escolhidos na etapa anterior. Além destes, ‘Uma lagarta muito comilona’ (2010) foi escolhido por toda a sua estrutura, que chama atenção das crianças. Por fim, ‘Monstromática’ (2015) foi selecionado após uma indicação e, após ler a história, o inclui na análise por acreditar que a história dele está relacionada com a proposta norteadora do trabalho – na verdade, a Monstromática não é esse monstro que alguns acreditam.

6º passo: Elaborei uma conexão relacionando as histórias dos livros, com os conceitos matemáticos para a Educação Infantil, além de demonstrar algumas atividades que podem ser desenvolvidas para contemplar cada conceito.

O organograma abaixo permite uma melhor visualização do caminho percorrido:

Figura 2 – Organograma da metodologia



Fonte: Produzido pela autora (2022).

4 REVISÃO DE LITERATURA

Como dito no capítulo anterior, foi feito um filtro no repositório LUME com o título “Contação de histórias”. Nesse filtro, foram encontrados 18 trabalhos de conclusão de curso, desses 17 trabalhos são de Graduação e 1 de Especialização, mas somente dois contemplavam a Educação Infantil ou o Ensino Fundamental Anos Iniciais: 1 de Graduação e 1 de Especialização. Por esse motivo, foram escolhidos mais dois trabalhos do curso de Pedagogia, que contemplam a contação de história, mas ela é contada para netos e filhos. Para melhor visualização, o Quadro 1 elenca os trabalhos encontrados e aqueles que foram selecionados:

Quadro 1 – Trabalhos encontrados com o filtro “Contação de histórias”

Titulo	Ano	Curso	Autor
A poética do dizer: reflexões e anotações de um professor contador de histórias	2010	Letras	Jeferson de Souza Tenorio
A contação na avosidade: a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias	2015	Pedagogia	Caroline Gonçalves Chaves
Corpos que atritam: escritas sobre resistência de uma estudante-professora	2017	Ciências Biológicas	Vitória Moro Bombassaro
Histórias de todas as noites: quando se tem um pai-contador	2018	Pedagogia	Evelyn Dias Romero
Ensino de ciências e educação ambiental através da contação de histórias	2018	Ciências Biológicas	Ana Carolina Lima de Oliveira
Interagindo com a escrita: oficinas de contação de histórias para crianças da Ilha das Flores	2013	Letras	Renata Hennig
Sobre nó(s): na trama entre psicanálise e narrativa ficcional	2018	Psicologia	Eduarda Xavier de Lima e Silva
Com o fio no conto: reverbeirar	2018	Psicologia	Sofia Tessler de Sousa
Não-ditos e as (im)possibilidades de contar histórias	2018	Psicologia	Jaime Castro dos Santos
O Épico, a tecnologia e o sensível: uma experiência entre diferentes narrativas e o teatro	2011	Artes	Milena Mariz Beltrão
A contação de histórias na construção de autoria: papel & parceria	2011	Letras	Fernanda Rodrigues Campos
ARTE CONTEMPORÂNEA E REGISTROS DE CRIANÇAS: autacom_petit, um ateliê supra-sensorial	2018	Pedagogia	Andréia Moreira
Reflexão acerca do ato de contar histórias como recurso para o trabalho do ator	2018	Artes	Carolina Santiago

A contação de histórias além do livro	2018	Mídias em educação	Yane de Souza Prestes
O que é a vida? a prática de uma licencianda em teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para idosos de Esteio-RS	2017	Artes	Samanta Goelzer Della Passe
Fantoches: reações e emoções de crianças na mediação da leitura e na interação com as histórias infantis	2021	Biblioteconomia	Rute Doki Pinheiro
Quando a regra é manifestar-se: a trajetória de alunos chineses na contação de histórias	2010	Letras	Ana Cristina Balestro
O ator/contador de histórias e sua relação com o ensino de teatro no âmbito escolar: uma teorização a partir da experiência pessoal	2019	Artes	Guilherme Machado Ferreira

Fonte: Produzido pela autora (2022).

A primeira pesquisa selecionada no repositório LUME foi um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Letras da UFRGS, defendido no ano de 2011. O trabalho é de Fernanda Rodrigues Campos, com o título “A contação de histórias na construção de autoria: papel & parceria”. O objetivo do trabalho é tratar a contação de história na sala de aula, como uma fomentadora de aprendizado ao mesmo tempo que fomenta o aprendizado em si. O problema de pesquisa surgiu a partir do questionamento da autora em “descobrir o que empiricamente gera essa experiência enquanto possibilidades em prol da aprendizagem e encontrar teorias para entender melhor o que a prática já fazia suspeitar, além das vistas estudadas na graduação.” (CAMPOS, 2011, p. 7)

Campos (2011), utilizou de sua experiência já que é formada em Psicopedagogia e, por esse motivo, foi possível “verificar como terapeuta o efeito do trabalho com contação no âmbito do atendimento individual”. (CAMPOS, 2011, p. 7). Ela fez a observação e elaborou um questionário junto com um grupo de turmas da Educação Infantil e Anos Iniciais, mas o questionário com perguntas dissertativas foi aplicado somente para as professoras. Foram 16 no total, mas só 12 conseguiram responder. Todas elas trabalham em uma escola pública estadual na periferia de Porto Alegre. Numa escola as professoras já faziam o trabalho de contar história, após a pesquisa as bibliotecárias também começaram esse trabalho. Na outra escola o trabalho começou aproximadamente junto com a pesquisa. As respostas das professoras vieram ao encontro com o que a pesquisadora estudava e observava, nos momentos com os alunos. Nas duas escolas, até mesmo entre os menores ou os mais

agitados, foram diagnosticados movimentos de criticidade adquiridos pelos alunos. “Percebo que estão no 2º ano, mas desenvolveram o hábito de criticar, ter opinião”, relata uma das professoras da escola que iniciou as contações com as visitas do projeto (apud CAMPOS, 2011). Os autores que fundamentaram a pesquisa de Campos foram: Bethelheim (2007), Vygotsky (2007), Fernandez (1994), Antunes (2008), Havelock (1995), Ong (1998) entre outros das áreas de Psicologia, Psicopedagogia, Língua Portuguesa, Linguística, Teoria Literária e História. Campos conclui que não encontra formas mais simples e que funcione tão bem como a contação de história e o evento de contação. Além de criar vínculos e empatia, a contação vira um método significativo de dirigir a geração dos “cidadãos de bem” em prol do bem do outro, do seu e do mundo.

A segunda pesquisa encontrada no repositório LUME é um trabalho de conclusão de curso de Especialização de Mídias em Educação pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS), defendido no ano de 2018. O trabalho é de Yane de Souza Prestes, com o título “A Contação de Histórias além do livro”. O trabalho tem por objetivo investigar o uso do áudio na Contação de Histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental; estimulando a ampliação do imaginário infantil, objetivando desenvolver o gosto pela leitura e estimular o senso crítico. O problema surgiu a partir da necessidade de inserção de novas mídias no cotidiano escolar, tendo em vista ser algo comum atualmente no cotidiano das famílias. O questionamento de Prestes é “O uso do áudio pode contribuir para o estímulo do interesse por ouvir histórias, fortalecendo o imaginário infantil e na formação de um aluno leitor?” (PRESTES, 2018).

Prestes (2018) fez uma pesquisa qualitativa, usando o estudo de caso e coletando dados a partir do trabalho de Contação de Histórias em áudio e dos desenhos que os alunos produziram após ouvirem a narração das histórias. Esse estudo foi feito em uma escola de Ensino Fundamental do município de Triunfo, nas turmas de primeiro e segundo anos. A turma do primeiro ano tem 16 alunos no turno da manhã e a do segundo tem 18 alunos no turno da tarde. Foi escolhida uma história para cada turma, do autor contemporâneo Celso Sisto, pois ele é especialista em literatura infantil e juvenil e contador de histórias do Grupo Morandubetá (RJ). Foi escolhida cada história de acordo com o interesse da turma. No primeiro ano o livro escolhido foi **Chá das Dez**, pois ele traz uma dinâmica rimada e com sequência

numérica, estando de acordo com o conteúdo que estão vivenciando na sala de aula. Já o livro do segundo ano foi o **Eles que não se amavam** para tratar o tema que está sendo trabalhado em sala de aula, a intolerância, a violência. A proposta para as duas turmas foi, “a primeira foi a escolha do autor e obras, a segunda foi a contação das histórias narradas em áudio, a terceira foi a roda de conversa sobre as histórias, a quarta a produção dos desenhos pelos alunos e a quinta etapa foi a análise das produções” (PRESTES, 2018).

Na turma de primeiro ano os desenhos humanos foram feitos com maiores detalhes, com certa lógica, o céu ficando no alto da folha, as crianças foram além da história narrada, ampliando significativamente a capacidade de concentração, imaginação e criatividade das crianças. Na turma do segundo ano marcou o terreno com linha da base, começou aparecer o afastamento do esquema da cor. Para fundamentar a sua pesquisa Prestes utilizou os autores: Abramovich (1989), Marcuschi (1997), Derdyk (1994), Lowenfeld (1970) e Vygotsky (2009) para os conceitos de Contação de Histórias, Imaginário Infantil, Oralidade e Fases e simbologia do Desenho Infantil. Prestes conclui que as histórias em áudio, são tão motivadoras como a contação de histórias que usam livros impressos, sendo o áudio um grande aliado “pois desafia os alunos na criação de uma nova postura diante contação com a ausência do recurso visual, assim como exercita a capacidade de criação na hora da representação através dos desenhos, indo além do que se esperava”. (PRESTES, 2018, p. 33).

A terceira pesquisa encontrada no repositório LUME é um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS), defendido no ano de 2015. O trabalho é de Caroline Gonçalves Chaves, com o título “A CONTAÇÃO NA AVOSIDADE: a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias”. Chaves (2015) diz que a motivação para o trabalho veio no curso de Pedagogia após realizar uma pesquisa para a disciplina de Pesquisa em Educação, onde a contação de histórias, principalmente por idosos, foi explorada, para no futuro investigar se em Porto Alegre havia um ou mais grupos de idosos contadores de história. Particularmente contadores para crianças. Mas Chaves (2015, p. 9) mudou o enfoque do trabalho para “indagar a ocorrência da contação de histórias, não literária, mas oral (biografias, histórias familiares, histórias de vida) relatadas na avosidade; a conexão entre avós e netos intercedida também pela contação”.

Chaves (2015) fez uma pesquisa qualitativa com perguntas semiestruturadas com 5 avós de Porto Alegre, utilizando um telefone celular com gravador para gravar as entrevistas e depois conseguir transcrever as respostas das entrevistadas. As histórias relatadas pelas avós são de suas vidas, da infância, juventude, até os dias atuais onde elas têm os álbuns de fotografia como aliado para narrar, as histórias e mostrar como são cada grupo familiar. Para fundamentar a sua pesquisa Chaves utilizou os autores: Silva e Correa (2014), Campos (2011), Doll, Ramos e Buaes (2015), Girardello (2007), Ferrigno (2006), entre outros. Chaves conclui que “a pesquisa apresentada está longe de concluir resultados quanto às relações intergeracionais, mas tentou revelar a importância das contações para a manutenção dos elos entre avós e netos”. (2015, p. 28). Sendo assim a contação na avosidade fica interessante porque os laços entre avós e netos como visto nas entrevistas são sinceros e resistentes.

A quarta pesquisa encontrada no repositório LUME é um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS), defendido no ano de 2018. O trabalho é de Evelyn Dias Romero, com o título “Histórias de todas as noites: quando se tem um pai-contador”, cujo objetivo é

abordar sobre as tradições orais e oralidade, sobre narrativas que constituem as crianças negras; como são apresentadas e inventadas um outro modo de ser criança negra através de narrativas com personagens negros; qual o efeito dessas narrativas na constituição de uma professoralidade negra. (ROMERO, (2018, p. 11)

Romero (2018) fez um trabalho de pesquisa investigativo, tendo como base a pesquisa bibliográfica. Para esse trabalho, a autora utilizou textos de livros e também textos online, e fez uma entrevista com o seu pai, que ela denomina como pai-contador, porque ele contava na infância histórias para ela e seus irmãos. A autora conta sobre as tradições orais e a oralidade, após relata sobre a oralidade africana, contando um pouco sobre a sua cultura e sobre os Griots (contadores de histórias orais e mestres da cultura africana). Os griot são os que preservam além de transmitir as histórias do país, especialmente a do Oeste da África. Romero ainda fala sobre os contos infantis, como o pai-contador, contava no quarto antes de dormir histórias sem nenhum recurso literário. Essas histórias clássicas eram modificadas por ele, para ter personagens negros, fortalecendo para os filhos a cultura negra. Alguns títulos que ele modificou foram: A Branca de Neve era a Preta de Pixe, a Chapeuzinho Vermelho

era a Chapeuzinho Preto, A Cinderela era a Cindernegra. Os autores que Romero utilizou para fundamentar a sua pesquisa foram: Girardello (2011), Larrosa (2000), Pereira (2015), Dornelles e Marques (2015), entre outros. Romero conclui

A arte do pai-contador fez com que se criasse em mim uma orquestra que unia sua voz, a melodia de escuta de meus ouvidos. Orquestra de encontros noturnos. Noites de calor. Noites do frio dos pampas. Noites de acalanto de voz de pai. Pai das histórias e da música. (ROMERO, 2018, p. 34).

Foram encontrados somente 4 trabalhos que falavam da literatura infantil e não contemplavam totalmente o meu tema que é a Literatura Infantil e a Matemática. Diante disso fiz uma nova pesquisa no repositório Lume com o filtro “Literatura e matemática” e encontrei mais 2 trabalhos de conclusão de Graduação, sendo que apenas um dos trabalhos abrange o mesmo nível de ensino definido em minha pesquisa. O Quadro 2 mostra os trabalhos encontrados.

Quadro 2 – Trabalhos encontrados com o filtro “Literatura e matemática”

Título	Ano	Curso	Autor
A Matemática Do Era Uma Vez	2010	Pedagogia	Márcia Regina De Azeredo Rysdyk
Matemática No País Da Literatura: Uma Proposta Didática Com O Livro “Alice No País Dos Números”	2015	Matemática	Luara Zwiernik

Fonte: Produzido pela autora (2022).

A quinta pesquisa encontrada no repositório LUME é um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS), defendido no ano de 2010. O trabalho é de Marcia Regina de Azeredo Rysdyk com o título “A Matemática do Era uma vez”. O objetivo do trabalho é relacionar o aprendizado da matemática com as histórias infantis, identificando e analisando a aprendizagem dos alunos quando o ensino dessa disciplina ocorre através da Literatura infantil. Rysdyk fez uma pesquisa qualitativa, usando o estudo de caso com uma turma de alfabetização da escola Saint’Hilaire na zona leste de Porto Alegre. Essa turma era composta por 28 alunos com idades entre 7 e 10 anos, sendo 14 meninos e 14 meninas, esses alunos em sua grande parte pertencem a famílias de baixa renda. Para o estudo de caso Rysdyk (2010), contou 5 histórias da literatura infantil; O Coelho que não era da Páscoa, As serpentes que roubaram a noite, A centopeia que pensava, Chapeuzinho vermelho e Os três porquinhos. Com

cada história foram trabalhadas diferentes aprendizagens matemáticas. Para fundamentar a sua pesquisa Rysdyk, utilizou os seguintes autores: Golbert (2010), Moreira (2006), Abramovich (1989), Busatto (2003) e Corso e Corso (2006). Assim, Rysdyk conclui que uma história sozinha não consegue ensinar e dar significado ao que cada aluno aprende, o que ensina não é a história, mas sim as relações que as crianças estabelecem com o que já sabem e o novo conhecimento trazido pelo professor através dos textos da literatura infantil. Pode-se relacionar histórias da literatura infantil com o ensino da matemática, mas tomando o cuidado de escolher textos que possibilitem contextualizar com a realidade dos alunos e que os mesmos textos ofereçam o desenvolvimento das habilidades essenciais ao aprendizado da matemática. “Por fim, posso concluir que a aprendizagem da matemática através de histórias é tanto mais prazerosa quanto maior for o significado que elas têm para as crianças”. (RYS DYK, 2010, p. 48).

Com a revisão da literatura, obtive contribuições para pensar o meu trabalho. Destaca-se, dentre elas, a possibilidade de visualizar como distintos modos de contar histórias trazem diferentes resultados positivos, pois eles demonstraram como a contação ajuda na concentração, na formação de laços entre pais e filhos, avós e netos. Todos os trabalhos foram realizados com sujeitos, modo de pesquisa que difere desta pesquisa bibliográfica, o que me levou a pensar em como direcionar este trabalho. Por fim, a revisão de literatura trouxe para o embasamento teórico da pesquisa autores como Abramovich e Vygotsky.

5 ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta parte do trabalho, trouxe a análise juntamente com os resultados obtidos de cada livro. Após a seleção, os livros escolhidos foram, 'Uma lagarta muito comilona' (2010), 'Quem vai ficar com o pêssego?' (2010), 'A Casa Sonolenta' (2011), 'Cachinhos de Ouro' (2013) e 'Monstromática' (2015). Para contextualizar as histórias, trouxe excertos dos livros e fotos das páginas.

O primeiro livro selecionado foi 'Uma lagarta muito comilona' (2010), escrito por Eric_Carle, traduzido por Miriam Gabbai, publicado pela Ciranda Cultural. Este livro eu encontrei na biblioteca da escola de Educação Infantil.

Figura 3 – Reprodução da capa do livro 'Uma lagarta muito comilona'



Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro conta a história de um ovo pequeno, quando saiu o sol ele quebrou e saiu uma lagartinha com fome.

E logo se pôs a caminho,
em busca de comida.
(CARLE, 2010, p. 7)

Essa lagartinha saiu comendo tudo o que ela encontrava. Na segunda devorou uma maçã, na terça duas peras e assim continuou durante os outros dias da semana; a cada dia que passava ela comia mais.

Figura 4 – Reprodução da página 16 do livro ‘Uma lagarta muito comilona’



Fonte: Produzido pela autora (2022).

Neste livro, são desenvolvidos os conceitos matemáticos de correspondência, sequenciação, seriação e inclusão, no qual há a possibilidade de trabalhar com os dias da semana e com as quantidades de frutas que a lagartinha comeu: no primeiro dia, 1; no segundo dia, 2. O livro é colorido, as páginas do livro têm buracos pequenos, fazendo parecer que a lagartinha realmente tenha comido. Ao contar a história, podemos deixar as crianças colocar os dedos nos ‘buracos’ deixados pela lagarta, proporcionando uma maior interação entre as crianças e a história. Abramovich (2009, p. 24) ressalta que, “Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores ...É encantamento, maravilhamento, sedução...”. Ao envolver a criança, propiciando a ela entrosamento com o contexto da contação, estamos desenvolvendo o encantamento e sedução pela história.

O segundo livro selecionado foi ‘Quem vai ficar com o pêssego?’, escrito por Ah Hae Yoon, traduzido por Thais Rimkus, publicado pela Editora Callis. Este livro foi encontrado na biblioteca da escola de Ensino Fundamental e faz parte do programa PNLD do MEC.

Figura 5 – Reprodução da capa do livro 'Quem vai ficar com o pêsego?'



Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro conta a história de que alguns animais encontram um pêsego maduro que tinha um cheiro muito gostoso e parecia delicioso.

Quem vai ficar com o pêsego?

A girafa alta, o crocodilo de boca grande, o rinoceronte pesado, o macaco esperto, o coelho saltitante e a lagarta inquieta, todos queriam comer o pêsego.
(YOON, 2010, p. 5)

Diante dessa situação os animais começaram a competição para decidir com quem o pêsego iria ficar. Cada um inventou um critério que o favorecia para ganhar.

Figura 6 – Reprodução da página 27 do livro ‘Quem vai ficar com o pêssego?’



Fonte: Produzido pela autora (2022).

Nesse livro, são abordados os conceitos de comparação, sequenciação e seriação, onde tem a possibilidade de trabalhar com as crianças, fazendo uma fila, primeiro deixando elas decidirem a sequência, após sugerir uma seriação por tamanho, como demonstrado nesta página do livro reproduzida na Figura 6. É possível também utilizar materiais disponíveis em sala de aula ou até mesmo objetos encontrados no pátio da escola. O livro é colorido e mostra diferentes tipos de animais, o que pode representar as diferentes crianças que compõem uma turma. Vygotsky (2009, p. 22) argumenta que "Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela". Seguindo a linha de raciocínio do autor, ao proporcionar uma aula com experimentação ao aluno, ele terá um campo fértil para a sua imaginação.

O terceiro livro selecionado foi 'A casa sonolenta' (2011), escrito por Audrey Wood, publicado pela Editora Ática. Este livro foi encontrado na biblioteca da escola de Ensino Fundamental e faz parte do programa Projeto Trilhas do MEC.

Figura 7 – Reprodução da capa do livro ‘A casa sonolenta’



Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro conta a história de uma avó que vive numa casa sonolenta.

Nessa casa
tinha uma cama,
uma cama aconchegante
numa casa sonolenta,
onde todos viviam dormindo.
(WOOD, 2011, p. 6)

A avó ronca numa cama, após o neto adormecer e sonha em cima da avó, o cachorro cochila em cima do neto, o gato rressona em cima do cachorro e assim continua a história.

Figura 8 – Reprodução da página 18 do livro 'A casa sonolenta'



Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro é colorido e, no desenrolar da história, podemos perceber pela janela que o tempo vai passando, no começo está escuro e chovendo, perto do final vai clareando até aparecer o sol. Essa história tem conceito de classificação, seriação e inclusão, assim podemos trabalhar com as crianças utilizando tampas de garrafas: primeiro fazer a classificação, separando por cor ou tamanho; a seriação, seguindo um critério que pode ser por cor ou por tamanho; e a inclusão, por tamanho, colocando as menores dentro das maiores ou fazendo perguntas. Segundo Lorenzato “Em sala de aula, é preciso oferecer inúmeras e adequadas oportunidades para que as crianças experimentem, observem, reflitam e verbalizem”. (2017, p. 20). Ao utilizar atividades como essa, o professor estará possibilitando ao aluno, experimentar, observar, refletir e verbalizar, proporcionando para ele uma aprendizagem ampla.

O quarto livro selecionado foi ‘Cachinhos de Ouro’ (2013), escrito por Robert Southey, recontado por Ana Maria Machado e publicado pela Editora FTD. Este livro encontrei na biblioteca da escola de Educação Infantil e faz parte do programa PNBE do MEC.

Figura 9 – Reprodução da capa do Livro ‘Cachinhos de Ouro’



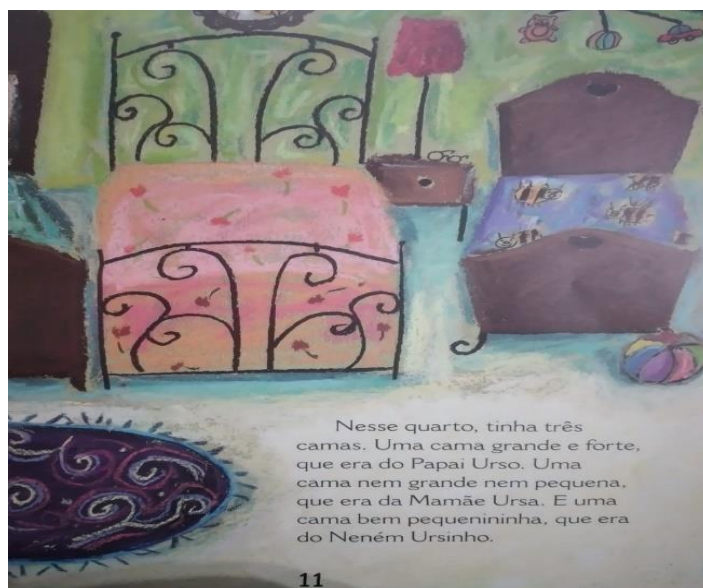
Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro conta a história de uma menina que morava com a sua mãe, e um dia saiu passear pela floresta. Na floresta ela encontra uma casa, ela bate na porta, mas, ninguém responde. Então, ela decide entrar na casa.

Um dia, a Mamãe Ursa fez um mingau para eles tomarem de manhã, como sempre fazia. Gostoso, cheiroso, com canela salpicada em cima.
 Mas estava tão quente, tão quente, que eles iam pelar a língua se comesse logo.
 Então resolveram ir dar um passeio pela floresta, enquanto o mingau esfriava.
 (SOUTHEY; MACHADO, 2013, p. 12)

Nessa casa morava uma família de ursos. Lá dentro ela encontra os móveis e os objetos com três tamanhos diferentes, pequeno, médio e grande. E assim ela vai andando pela casa até ficar cansada e dormir na cama do neném urso. Quando os ursos chegam, ela acorda e...

Figura 10 – Reprodução da página 11 do livro ‘Cachinhos de Ouro’



Fonte: Produzido pela autora (2022).

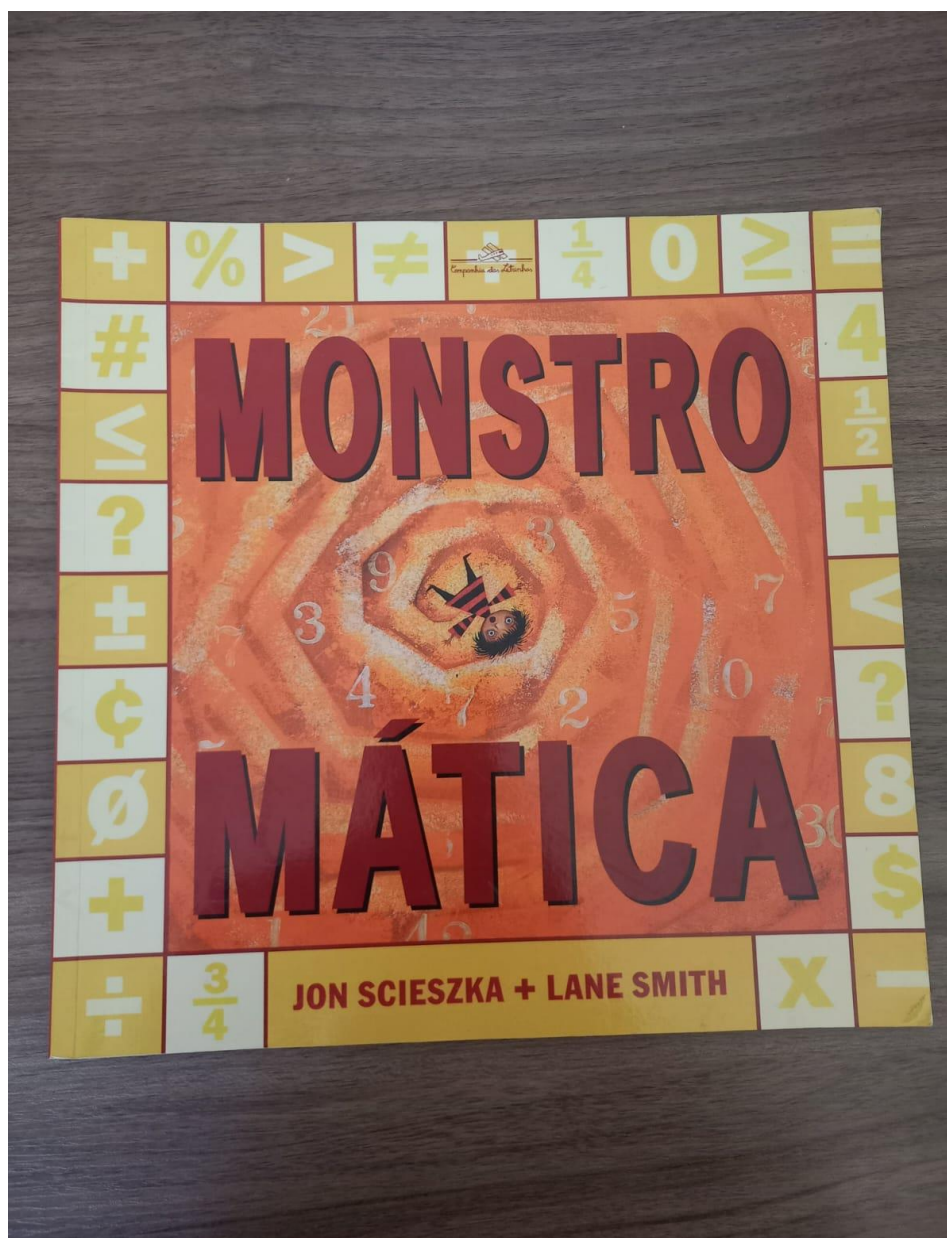
No livro tem o conceito matemático de comparação, correspondência e inclusão onde as crianças poderão comparar os objetos e após fazer a correspondência e a inclusão. A cadeira grande é do papai, a média da mamãe e a pequena do neném. E assim pode se fazer com os outros objetos da história. O livro é interessante, pois os personagens desenhados parecem que foram feitos por crianças e pintados com giz de cera. A história também relata vários objetos de tamanhos diferentes, fazendo com que as crianças tenham percepção dos tamanhos. Sobre isso, Smole diz que:

Integrar literatura nas aulas de matemática representa uma substancial mudança no ensino tradicional da matemática pois, em atividades deste tipo, os alunos não aprendem primeiro a matemática para depois aplicar na história, mas exploram a matemática e a história ao mesmo tempo. (SMOLE, 2014, p. 68).

Dessa maneira, pode haver uma troca onde o lúdico e a matemática se encontram, demonstrando que aprender matemática pode ser divertido.

O quinto livro selecionado foi 'Monstromática' (2015), escrito por Jon Scieszka, traduzido por Iole de Freitas Druck pela Editora Companhia das Letrinhas. Este livro foi indicação e foi encontrado em um sebo em Porto Alegre.

Figura 11 – Reprodução da capa do livro 'Monstromática'



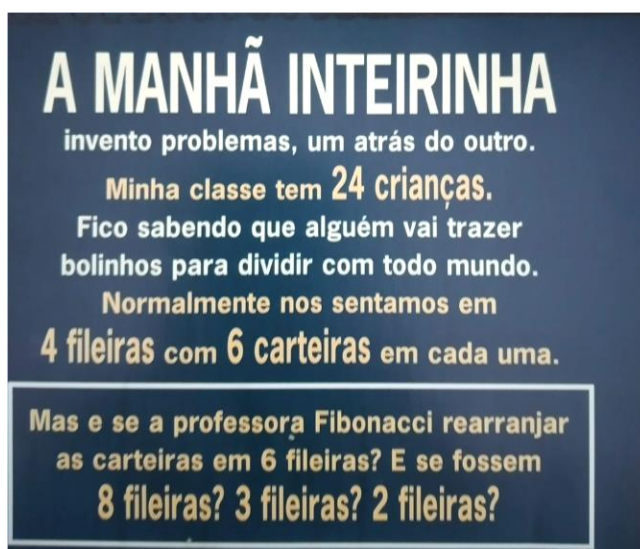
Fonte: Produzido pela autora (2022).

O livro *Monstromática*, conta a história de uma menina que começa a ter problemas após ouvir um questionamento da professora de matemática:

“CRIANÇAS, vocês sabiam que quase tudo pode ser encarado como um problema de matemática?”
(SCIESZKA, 2015, p. 5)

A partir disso, ela consegue perceber que a matemática está no seu dia a dia e, assim, durante toda a semana, cada situação que ela passa se transforma em um problema matemático.

Figura 12 – Reprodução da página 12 do livro ‘Monstromática’








Fonte: Produzido pela autora (2022).

Nesta página do livro, há o conceito de conservação e inclusão, onde podemos trabalhar com quantos alunos tem na sala; dividir eles em dois grupos iguais; um grupo faz uma fila, outro uma roda; após perguntar qual grupo tem mais alunos, pedir para as crianças identificarem o número de alunos. A meu ver, o livro demonstra de uma forma criativa como a matemática está no nosso cotidiano e não é um ‘monstro’, pois ele demonstra como usamos a matemática para calcular o tempo certo para pegar o ônibus, para chegar na escola, entre outras situações. Assim, essa história proporciona para a criança descobrir como ela está utilizando a matemática constantemente no seu cotidiano. Lorenzato (2006) diz que:

O objetivo é proporcionar à criança condições para ela trabalhar significativamente com as noções matemáticas, com o fazer matemático, para que aprecie novos conhecimentos, a beleza da matemática, e se beneficie das descobertas desses conhecimentos no cotidiano. (LORENZATO, 2006, p. 1)

Após as análises, elaborei uma planilha para melhor visualização dos conceitos matemáticos encontrados nos livros, como demonstra o Quadro 3:

Quadro 3 – Conceitos matemáticos encontrados nos livros

Livros					
Conceitos					
Correspondência	x			x	
Comparação		x		x	
Classificação			x		
Sequenciação	x	x			
Seriação	x	x	x		
Inclusão	x		x	x	x
Conservação					x

Fonte: Produzido pela autora (2022).

No quadro acima, é possível ver que os livros contemplam dois ou mais conceitos matemáticos, o que pode ajudar o professor a trabalhar com eles em conjunto ou separado, conforme a necessidade dos seus alunos. Sobre isso, Lorenzato diz que:

É preciso ressaltar que, para o professor ter sucesso na organização de situações que propiciem a exploração matemática pelas crianças, é também fundamental que ele conheça os sete processos mentais básicos para aprendizagem da matemática que são: correspondência, comparação, classificação, sequenciação, seriação, inclusão e conservação. (LORENZATO, 2006, p. 25)

Dessa forma, ao compreender os conceitos, o professor pode identificá-los facilmente, o que possibilitará a ele planejar as suas aulas de uma forma que abranja aqueles que ele deseja.

6 CONCLUSÃO

No encerramento do trabalho de pesquisa, constatou-se que o objetivo geral foi alcançado, analisando como a contação de histórias na Educação Infantil pode colaborar com a aprendizagem de conceitos matemáticos. Através de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, analisando livros de literatura infantil com aporte teórico, foi possível chegar ao resultado. A pesquisa teve quatro objetivos específicos, realizar uma revisão de literatura sobre trabalhos de conclusão de curso que tratem da temática da contação de histórias na Educação Infantil com foco para a Educação Matemática. Esse objetivo foi atingido, através dos trabalhos do Repositório Lume, trabalhos esses que trouxeram contribuições para pensar a pesquisa.

Com o objetivo da realização da revisão teórica de autores que abordam a temática da contação de histórias na Educação Infantil, obteve-se aporte teórico para fundamentação sobre a contação de história. Sobre a catalogação das histórias da literatura infantil que contemplem a Educação Matemática, dos cinco livros selecionados, utilizou-se três que são enviados por programas do MEC. Isso enriquece o trabalho, pois assim os professores das escolas públicas são beneficiados se escolherem utilizar este trabalho como norteador para escolher livros de literatura infantil como recurso para as suas aulas. Ao realizar o último objetivo, isto é, relacionar as histórias constantes nos livros de literatura infantil com os conceitos matemáticos para a Educação Infantil, pude perceber o quanto é importante fazer a conexão da literatura infantil com os conceitos matemáticos, ao passo que com o elo entre eles tornam-se um considerável e significativo modo para fortalecer os conhecimentos prévios das crianças, assim como ajudam na construção de novos saberes.

Essa pesquisa colaborou e seguirá colaborando com a minha formação de pedagoga, pois possibilitou aprofundar o conhecimento sobre a contação de história. No decorrer dela, fui capaz de incorporar o aprendizado da teoria, adquirida ao longo de toda a graduação de Licenciatura em Pedagogia. Assim com os resultados obtidos, poderei utilizar em minha prática, a contação de uma forma mais assertiva, possibilitando proporcionar aos meus futuros alunos construir os saberes sobre os conceitos matemáticos, sem medos e receios.

A pesquisa não está pronta, no sentido de ter acabado aqui. Recomenda-se realizar estudos complementares ao tema, com a metodologia utilizada e percebe-se que o trabalho pode ser realizado com uma pesquisa mais ampla na bibliografia,

utilizando outros autores, para confirma-la ou refutá-la; com outros livros de literatura, todos disponibilizados pelo MEC, ou não. Também é possível trocar a metodologia e utilizar um estudo de caso com sujeitos como método.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/> Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CAMPOS, Fernanda Rodrigues. **A contação de histórias na construção de autoria: papel & parceria** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39430>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CARLE, Eric. **Uma Lagarta Muito Comilona**. São Paulo: Callis, 2010.

CHAVES, Caroline Gonçalves. **A contação na avosidade: a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/133617>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CLARISSA. **Charges matemáticas**. Disponível em: http://www.matematica.seed.pr.gov.br/arquivos/Image/desafio_cena_1.jpg. Acesso em: 03 maio 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepção matemática**. Campinas: Autores Associados Ltda, 2006.

PRESTES, Yane de Souza. **A contação de histórias além do livro**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Especialização em Mídias na Educação, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202505>. Acesso em: 08 abr. 2022.

ROMERO, Evelyn Dias. **Histórias de todas as noites**: quando se tem um pai-contador. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195652>. Acesso em: 08 abr. 2022.

RYSZYK, Márcia Regina de Azeredo. **A matemática do era uma vez**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36717>. Acesso em: 08 abr. 2022.

SANTOS, Suelen Assunção. Pesquisar “O Quê”, “Como” e “Para Quê” [Em Educação Matemática]? In: SANTOS, Suelen Assunção; PINHEIRO, Josaine de Moura (Orgs). **Educação Matemática**: pesquisas, tendências e propostas. Porto Alegre: Canto - Cultura e Arte, 2017, p. 54-85. Disponível em: <https://canto.art.br/wp-content/uploads/2018/05/LIVRO-EDUCACAO-MATEMATICA-pesquisas-tendencias-e-propostas-digital-espelhado.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SCIESZKA, Jon. **Monstromática**. 13. ed. São Paulo: Schwarcz S. A., 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SISTO, Celso. O que é e qual a importância da Contação de histórias: entrevista com Celso Sisto. **Portal Escrita Criativa**. Marcelo Spalding. Porto Alegre. 2022. Disponível em: <https://www.escritacriativa.com.br>. Acesso em 22 nov. 2022.

_____. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis, SESC-SC, 2004. p. 82-93.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **A Matemática na Educação Infantil**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

SOUTHEY, Robert; MACHADO, Ana Maria. **Cachinhos de ouro**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2013.

SOUZA, Renata Junqueira de; MOTOYAMA, Juliane Francischetti Martins. Contação de histórias, espaço e mediação: as experiências do CELLIJ. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 2, p. 31-42, jul. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i2.5108>. Acesso em 22 mar. 2022.

SUPERPROF. Por que alguns gostam dos cálculos e outros odeiam? **Blog Superprof**, 27 out. 2016. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/por-que-matematica-da-medo-e-e-dificil/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

UFRGS. Repositório Digital. **Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15757>. Acesso em 08 abr. 2022.

VYGOTSKY, Lev. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2009.

WOOD, Audrey. **A casa sonolenta**. 10. ed. São Paulo: Atica, 2011.

YOON, Ah-Hae. **Quem vai ficar com o pêssego?** 2. ed. São Paulo: Callis Editora Ltda, 2010.